

ORGULHOSA (MENTE) CRATENSE: O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI E O PENSAMENTO INTELECTUAL SOBRE A CIDADE. (CRATO: 1950-1960)

José Italo Bezerra Viana*

RESUMO: Em 1953 comemorou-se o centenário de elevação do Crato à categoria de cidade e dentre as atividades empreendidas para a celebração nasce uma entidade de cultura disposta a perpetuar, pelas letras, fatos marcantes da história e da cultura da região do Cariri. Com a idéia de que “desde o começo seu povo é dominado pela vocação do progresso”, o Instituto Cultural do Cariri - I.C.C buscou o reconhecimento do Crato como uma cidade progressista, moderna e marcada pelos sinais de “adiantamento” a partir da idealização de um passado “heróico e liberal”. Dessa forma, interessa-nos perscrutar as visões e ações de uma elite culta que se amparou em uma “herança civilizatória” para arrogar um lugar diferenciado àquela responsável pelo “despontar da civilização” na Região do Cariri.

Palavras-Chave: representação, modernidade, tradição e progresso.

RÉSUMÉ: En 1953 s'est commémoré le centenaire de hausse du Crato à la catégorie de ville et parmi les activités entreprises pour la célébration il né une entité de culture disposée à perpétuer, par les lettres, costumes marquants de l'histoire et de la culture de la région du Cariri. Avec l'idée dont «dès le début son peuple est dominé par la vocation du progrès», l'Institut Culturel du Cariri - I.C.C a cherché la reconnaissance du Crato comme une ville progressive, moderne et marquée par les signes d'«avance» à partir de l'idealização d'un passé «héroïque et libéral». De cette forme, il intéresse nous Enquêter les visions et les actions d'une élite cultivée qui s'est soutenue dans un «héritage de la civilisation» pour arroger une place différenciée à cette responsable «épointer de la civilisation» dans la Région du Cariri.

Mots-Clés: représentation, modernité, tradition et progrès.

(...) Bonita, simpática e alegre é detentora de um dom especial de tornar mais sublime, deliciosa e feliz a vida das criaturas(...). Na fulgurância de suas tradições, guarda ela um passado que fez história na história do Brasil, e sua gente conserva êsses heráldicos brasões como símbolos sagrados de sua civilização e do seu progresso (...). Desde o começo que seu povo é dominado pela vocação do progresso e, assim, ela nunca pára de crescer(...).(ITAYTERA, 1968:186)

Com os arroubos ufanistas da imprensa e de letrados locais, rasgando elogios ao crescimento, potencial e tradição, se opera uma magnífica evocação da cidade do Crato. Discursos e práticas apresentam seu passado como “símbolo sagrado de sua civilização e de seu progresso.”

Articulados em torno do ideário de civilização e progresso e embevecidos numa atmosfera de comemoração, por conta dos festejos do centenário de elevação do Crato à categoria de cidade, um arraçado grupo intelectual se propõe a perpetuar, pelas letras, os fatos marcantes da história e da cultura da região do Cariri. Dessa forma, a comemoração não se deveria fazer apenas “com festas, fogos, banquetes, manifestações de cunho transitório”,

* Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

mas com algo muito mais duradouro e que servisse à disseminação da cultura intelectual entre seus habitantes. Enfim, caberia a “criação de uma sociedade que cultivasse nossas letras históricas, estudasse nossos costumes e nosso folclore, averiguasse as origens de nossa gente.” (FIGUEIREDO FILHO, 1963: 540).

Assim é que em 1953 é criado o Instituto Cultural do Cariri – I.C.C, composto por figuras de reconhecido prestígio na cidade do Crato como o médico Irineu Pinheiro, o farmacêutico e historiador José de Figueiredo Filho, o padre Antonio Gomes e o advogado Raimundo de Oliveira Borges, dentre outros. Esses intelectuais transitavam entre os diversos espaços da cidade porque eram médicos, políticos, clérigos, advogados e se esmeraram em tomar a dianteira na promoção da modernidade local.

Cem anos se passaram, e aquela jovem cidade descrita como beleza e prodígio do vale caririense elevou-se em toda sua grandeza e orgulho pela pena dos intelectuais do I.C.C, que ratificavam a todo o momento seu pioneirismo como “núcleo disseminador da civilização” para a região do Cariri. Revelador disso é que o programa daquela academia elegia como finalidade em seus estatutos “o estudo das ciências, letras e artes em geral, e, especialmente, da História e da Geografia Política do Cariri.” (apud CORTEZ, 2000:107).

Tão logo fundado, o I.C.C programou atividades que incluía ciclo de conferências sobre a história da cidade, assinalando o que consideravam como o fato mais importante da história do Crato: a revolução de 1817, quando subindo ao púlpito na Igreja da Sé o diácono José Martiniano de Alencar proclamava a República, “na heróica intenção de aniquilar o regime imperial.” Esse fato, aliás, é tomado como prova irrefutável do “adiantamento” e grau de civilização da cidade.

Os acadêmicos do Instituto não valorizaram apenas o estudo da história, ciências, letras e artes. Dedicaram-se a uma verdadeira cruzada pelo progresso orientando suas preocupações sobretudo no cenário citadino, na tentativa de afastar qualquer vestígio que pudesse denunciar o atraso da cidade.

Muito embora, por sua denominação, se tratasse de uma entidade de cultura da região, as preocupações do ICC dirigiram-se somente à cidade do Crato. O tema “moderno” era a tônica dos discursos e os intelectuais do Instituto se punham a vociferar e urgir pela promoção da modernidade no espaço urbano. Preocupação que revela o interesse de elevar a imagem do Crato no Cariri, visto que a cidade por seu passado e grau de civilização, se sobreporia “naturalmente” aos outros lugares da região.

Tome-se como exemplo a célebre polêmica travada entre os jornais *Correio do Cariri*, do Crato, e *O Rebate*, de Juazeiro que se digladiavam para defender interesses de cada cidade.

Nesse período, primeira década do século XX, imbuídos de uma pretensa missão civilizadora, os intelectuais cratenses lideraram um movimento de distinção entre Crato e Juazeiro e os jornais serviram de veículos propagadores do sentimento de superioridade de uma sobre a outra. A distinção entre ambas surge a partir da eclosão dos “fenômenos” religiosos de Juazeiro, quando da suposta transmutação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araújo. A partir de então, Juazeiro passa a ser vista como um antro de fanáticos, diferente de Crato que crescia à luz da razão.

Propomo-nos, então, discutir as representações do I.C.C em relação ao trato com a cidade sob a imbricação das concepções de modernidade e progresso, quando há um esforço de construção de um porvir progressista, visto que a cidade revelava “sinais” da modernidade dotando o Crato de uma infra-estrutura condizente com o que os acadêmicos acreditavam serem as exigências da civilização.

Nesse contexto, aparece uma nova forma de apresentar e perceber a cidade na qual os ciosos acadêmicos solicitam a contribuição dos seus habitantes. Ela funciona como um cenário simbólico para estimular, salientar e confirmar o prestígio do Crato, atuando como catalisadora de uma vontade de *ser* moderno.

A noção de progresso capitaneada pelo ICC é entendida como imperativo dos tempos hodiernos, sobretudo no surgimento de novos equipamentos urbanos que, por conseqüência, devia marchar adiante novas sensibilidades, florescendo nos costumes. Dessa forma, não nos parece exagero inferir que havia até mesmo uma associação do progresso material com o progresso espiritual:

A cidade do Crato, berço de tradições gloriosas, progressista e airosa tem um quê que atrai logo as simpatias (...). Parece uma capital em miniatura. Com 100 anos de cidade e quase 200 de município, é mais jovem e faceira do que muitas localidades que nasceram ontem (...).(FIGUEIREDO FILHO & PINHEIRO, 1953: 64.)

A narrativa dos aspectos da cidade reveste-se de um apelo sentimental que parece querer conquistar o leitor, para que esse se sinta tentado a embarcar em irrecusável empatia, na medida em que o envolvimento abre as possibilidades dos alheios à execução dos projetos de modernização da cidade.

Operava-se a tentativa de construir uma cidade totalmente moderna, em favor de uma nova cultura associada também à noção de intelectualidade. Indício, é que o elegante edifício do Crato Tênis Clube com “uma construção típica e adequada ao nosso meio e nossos costumes”, se investiu de espaços letrados a ponto de haver ali uma biblioteca, como forma a endossar pelo primado da inteligência a conquista da modernidade.

A crença de que se vivia em tempos modernos impelia ainda a necessidade de criação de “lugares de memória”, para que os cratenses do século XX não esquecessem que por obra da civilização, a cidade vinha de longe na senda do progresso. Não descuidaram da causa os acadêmicos do ICC e fundaram, para tanto, o Museu Histórico do Crato em 1958, no intento de tornar inolvidável o caráter “heróico e liberal” – sinais de “adiantamento” – representados como inerentes aos cratenses.

Os historiadores do ICC partem da premissa de que o Crato era ponto de civilização já a partir de 1850, quando migraram as famílias e comerciantes de Icó – um dos primeiros núcleos urbanos e ponto de convergência das estradas de bois no Ceará – para o Crato, quando se fundou a imprensa (1855), quando se construíram cemitério, mercado público, enfim, quando novos hábitos comportamentais teriam sido introduzidos na cidade contribuindo para uma “moralização” do Crato e para o “despontar da civilização”, florescendo daí “uma sociedade requintada em comparação com a vida mais tosca doutros locais” (FIGUEIREDO FILHO, 1968: 51).

Ligados a um local social específico, pensaram, planejaram e projetaram o Crato em sua dimensão física, delineando assim uma cidade do desejo, frente a uma cidade que se forja no cotidiano. Nesse sentido, são constantes as investidas do ICC para a imediata elaboração de um Plano Diretor de Urbanismo, a condição necessária para resolução dos problemas decorrentes do crescimento da cidade:

Compreendemos que a maior necessidade atual do Crato é o Plano de Urbanismo da Cidade. Tudo nêle ficaria devidamente enquadrado e coordenado, e previsto, além do crescimento vegetativo da cidade. Localização de zonas industriais, mercados, praças e parques, solução para antigos problemas de urbanismo, novas avenidas, etc. [e asseveram]: iremos buscar técnicos, sejam quais forem, custe o que custar, e recursos de toda ordem, para tornar realidade essa urgente necessidade da terra cratense, a cidade que mais cresce, no município modelar do Ceará, chegou a hora do Plano de Urbanismo. (Folha do Cariri, nº44, p.07, 04/11/1966)

Desde a segunda metade do século XIX, aliás, algumas capitais e cidades brasileiras vinham experimentando mudanças estéticas e higiênico-sanitárias, especialmente nas ruas e áreas centrais. Em Crato, o momento se fazia propício e imperativo devido ao crescimento demográfico da cidade nas décadas de 1950 e 1960, sobretudo se comparado às décadas anteriores.¹

¹ Em 1950, a população do Crato era de 46.908 habitantes. Destes, 16.776 era de população urbana. Já em 1960, de uma população de 59.464 habitantes, 29.308 estavam na zona urbana. Dado em muito superior ao ano de 1940 quando a população era de 40.282 habitantes, dos quais 12.567 ocupavam a zona urbana. Cf: CORTEZ, *op.cit*, p.67 e FIGUEIREDO FILHO & PINHEIRO, *op.cit*, p.45.

Não há como negar, portanto, que as percepções que o ICC tinha sobre a cidade eram caudatárias de novas formas de conceber e perceber o mundo, sobretudo ante a modernização da cidade. Requeriam por si só uma reorganização peculiar do espaço urbano de modo a representar dimensões fundamentais e não contingentes dele. Afinal. “(...) investir na criação de uma urbe moderna (...) implicaria também, como contrapartida, instilar a população a ocupá-la convenientemente e aprender a desfrutar de suas amenidades, fazendo cada um da cidade uma extensão significativa de sua vida.” (SEVCENKO,1992:122).

O progresso da cidade passava necessariamente pela estética do aformoseamento, pressupondo a exclusão de tudo o que fosse feio ou a ele se associasse. Por essa forma, nem mesmo o poder público escapou das investidas do ICC:

É realmente lamentável que a Câmara Municipal do Crato, com mais de duzentos anos de existência, e de tantas e tão gloriosas tradições, ainda ocupe uma sala (...) com instalações acanhadas, que em absoluto não estão à altura da representação social e política de nossa terra (...).A Câmara precisa se modernizar e acompanhar o crescimento da cidade. (FC, nº46, p.02, 18/11/1966)

Num mesmo movimento, incluía-se a necessidade de reconfiguração das exéquias, impondo-lhes os timbres e ritmos da modernidade “à altura de sua representação social”:

Devemos acabar com o antigo costume de se carregar por nossas ruas os caixões mortuários, quando uma empresa especializada poderia fazer o transporte para o cemitério. Nos centros adiantados os amigos só pegam nas alças do caixão entre a capela do cemitério e a sepultura (...). Precisamos evoluir, até mesmo no terreno da morte. (FC, nº50, p.02, 16/12/1966)

A idéia de progresso esteve estritamente ligada ao projeto de civilização. Não nos parece exagero inferir que o pensamento prevalecente era de que o desenvolvimento conduziria ao progresso e que progresso era o que todos almejavam para permanecerem civilizados. Progresso e desenvolvimento soaram, também, como sinônimos de crescimento, sobretudo no âmbito econômico e das transformações materiais.

Por isso assusta aos acadêmicos do ICC o caráter tacanho de certos aspectos comportamentais dos habitantes de tão progressista cidade. Suas representações visam a “legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1990:17). É uma reivindicação amparada numa identidade cratense que lhe dá a marca do seu passado, qual seja civilizado e glorioso, e institui com ele uma relação de idealização e valorização, imprimindo-lhe um sentido histórico.²

² Para Le Goff “a relação que uma sociedade, na sua psicologia coletiva, mantém com o passado” pode ser definida como cultura histórica ou mentalidade histórica Cf. LE GOFF, Jacques. HISTÓRIA E MEMÓRIA. São Paulo. Editora da Unicamp. 1996. p.78

Parece haver certa expectativa de que ao vivenciar o presente pautado pela “vanguarda do progresso” que fez “a heróica cidade colocar-se em posição de destaque”, anuncia-se um porvir que absorve o brilho do passado numa articulação temporal que valoriza o caráter de “adiantamento” do Crato.

A pergunta que subjaz a estas constatações é em que medida as representações sociais, práticas simbólico-discursivas e/ou ações efetivas buscaram uma identidade que se constitui tendo como referencial um passado dito glorioso, palco de acontecimentos históricos.

Ao incorporar os “sinais deixados pela história” aos signos do progresso e da modernização, o ICC parece buscar fazer ordinários os códigos modernos decorrentes dos valores urbano-industriais, contribuindo para que as pessoas organizassem suas vidas dentro desse novo cenário sócio-econômico.

Podemos constatar tais inferências a partir do jornal **Folha do Cariri**, que no período em análise passa a publicar em praticamente todas as suas edições uma série de matérias que versam sobre o crescimento da cidade, mas também dos transtornos dele decorrentes ou ainda pelo fato dos costumes da população não estar em consonância com os tempos modernos. Vejamos:

No Crato não estamos mais em condições de se fazer um casamento de luxo. O nosso povo, demonstrando péssimo exemplo de educação social, transforma a Igreja, (...), num centro de verdadeira balbúrdia. Vira tudo um pandemônio. A anarquia é generalizada, sobe-se nos bancos do templo, rasgam-se as decorações, furtam-se os enfeites, tudo num primarismo verdadeiramente chocantes. (FC, nº51, p.02, 23/12/1966)

O que mais chama a atenção do jornal é que esse “péssimo exemplo de educação social” partia de “pessoas da nossa melhor sociedade”, daquelas que o título da matéria diz ser “gente bem”:

São senhoras e senhoritas que disputam a primazia de levar as decorações, num atestado flagrante de que muito precisamos evoluir (...). [Mas asseveram em tom ameaçador:] qualquer dia o nosso jornal vai fazer uma pesquisa, num desses chamados ‘casamentos de luxo’, para anotar nomes dos que provocam tais atritos, vergonhosos para a sociedade cratense e que demonstram o baixo grau de educação social de muita gente que se diz ‘gente bem’. (Idem)

Nossa impressão é que por “gente bem” designava-se as pessoas de “boa família”, gente detentora da posse de capitais econômicos e, porque não, de um capital simbólico e intelectual. Daí o espanto do jornal ante a esse “primarismo chocante” uma vez que essas pessoas deveriam servir de exemplo para sociedade e seus eventos sociais fossem marcados pelos “bons hábitos”, dignos de distinção social.

Ao investir-se de autoridade para fiscalizar esse “centro de verdadeira balbúrdia”, denunciando os mal-educados, o jornal o faz mobilizado por um conjunto de referências ancorado em chave modernizante, cuja legitimidade provinha do caráter desde “sempre” civilizado da gente do Crato.

Nossa hipótese é que mesmo quando estes intelectuais tinham por meta o moderno, também aí estaria em ação uma estratégia de afirmar uma identidade em que sobressaíam aspectos de “refinamento”, “civildade” e, sobretudo, “tradição”.

A tônica que marcaria a emergência dessa identidade via uma suposta modernidade se plasmar na sociedade e por isso eram necessárias alterações no modo de vida e, principalmente, no cotidiano dos cratenses.

É, pois, nesse sentido que buscamos compreender como e porque a partir das décadas de 1950 e 1960 houve um esforço de construção de uma cidade moderna e progressista, ancorada numa “herança civilizatória” a indicar-lhe uma condição “natural” de adiantamento.

Dessa forma, almejamos perscrutar as visões e ações de um grupo intelectual que concorre para deixar sua marca e/ou seu símbolo de distinção, disseminando um particular desejo de modernização/modernidade na sociedade cratense. Indagamos como as representações produzidas neste contexto prestaram-se a pensar a cidade, a partir de quais aspectos de modernidade e qual a relação estabelecida com o passado para justificar e legitimar tal empresa.

O ICC ensejou e estimulou a modernização dos espaços públicos, o embelezamento da cidade por meio de alterações urbanísticas, na tentativa, talvez, de imprimir ao Crato um caráter de continuidade dos “faustos do passado”. Sua própria criação constituiu-se como um *locus* privilegiado da produção da história da região, sobretudo quando reconheciam a si próprios como vanguarda da distinção social, intelectual e moral do Crato.

Portanto, não nos parece exagero inferir que se operou, nesse momento, uma tentativa de transformar a cidade em um ambiente moderno, civilizado, segundo seus critérios, conferindo-lhe uma dimensão universal já que essa “importante cidade, progressista, simpática, hospitaleira e alegre, com agradáveis peculiaridades [possui] características já conhecidas no Brasil inteiro (ITAYTERA, 1961:201).

O conjunto de documentos que integra nossa pesquisa constitui-se da **Revista Itaytera**, idealizada e construída pelo Instituto Cultural do Cariri, tendo o seu primeiro número divulgado em 1955. Com edições anuais, era uma Revista que traduzia, segundo os seus organizadores, o pensamento da cultura caririense e primava pela inteligência onde “a

heróica cidade sul cearense reafirma a sua capacidade de liderança através do vigor mental de seus filhos.” (Idem, 1957:03).

Outra Revista que nos servirá de fonte é **A Província**. Idealizada por Florival Matos e Francisco de Souza Nascimento com a intenção de lançá-la nas festividades do Centenário do Crato, **A Província** teve seu primeiro número divulgado em 17 de Outubro de 1953, data das comemorações. A referência “às glórias do passado” é argumento principal de suas matérias.

A historiografia local aparece também como fonte na medida em que transformou a memória em história. Essa aliás, confunde-se com a própria história do ICC, posto que os fundadores daquele instituto foram, eles mesmos, os historiadores. As obras mais destacadas foram as de Irineu Pinheiro, J. de Figueiredo Filho e Padre Antônio Gomes.

Ao propormos um estudo deste tipo, atentamos sobretudo para a historicidade das representações e práticas engendradas pelos sujeitos históricos que “exclusivamente por amor ao progresso”, estiveram “em luta para desalojar de Crato um arcaísmo que já estava na época de ser eliminado do cenário citadino.” (FIGUEIREDO FILHO, 1962: 13).

BIBLIOGRAFIA

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo. Cia. das Letras, 2007.

BRESCIANI, Maria Stella M. **Historia e historiografia das cidades, um percurso**. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

_____. **A Cultura no Plural**. São Paulo: Papirus, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. **A Construção da “cidade da cultura”: Crato (1889-1960)**. UFRJ, Rio de Janeiro: 2000. Dissertação de Mestrado.

FARIAS FILHO, Waldemar Arraes de. **Crato: evolução urbana e arquitetura**. 1740-1960. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

FIGUEIREDO FILHO, J. **O Folclore no Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

_____. **Meu mundo é uma farmácia**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1966.

_____. & PINHEIRO, Irineu. **A cidade do Crato**. Min. da Educação e Cultura, 1953.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**, SP: Edições Loyola, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo. Editora da Unicamp, 1996.

MARQUES, Roberto. **Contracultura, tradição e oralidade: (re) inventando o sertão nordestino na década de 70**. SP: Annablume, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p. 279-290.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** SP: Cia. das Letras, 1992.

SILVA, José Borzacchiello da. **A Cidade e o Urbano: temas para debate.** Fortaleza: EUFC, 1997.

VELHO, Gilberto. **Estilo de Vida Urbano e Modernidade.** Estudos Históricos, RJ, vol.8,n.16,1995,p.227-234.